

1.

Uma infância veneziana (1927–1937)

— *Qual das suas vidas nos vai contar?*

— Conheço treze maneiras de contar a minha vida. Hoje, escolho a sétima, por amor ao número sete, que é também o do gato: o gato tem sete vidas, e para conhecer a sétima tem pois que morrer seis vezes. Há quem diga que os gatos têm nove vidas, mas a versão segundo a qual eles têm sete parece-me superior, porque se trata de um número cabalístico: o das sete portas, das sete chaves, cuja última abre o paraíso terrestre. E se abordarmos a história da minha vida pela via do esoterismo, deverei começar por precisar que sou do signo dos Gémeos. Cinco mil anos decorreram desde o baptismo das constelações zodiacais, e a configuração do céu mudou, mas parece-me preferível falar como se estivéssemos ainda no tempo dos caldeus. Tenho 13 maneiras de contar a minha vida e não sei se há uma verdadeira, ou sequer se alguma é mais verdadeira do que outra. Pessoa dizia que «temos todos duas vidas: a verdadeira, que é a que sonhamos na infância; e a falsa, que é a que vivemos em convivência com os outros»; e essa que sonhamos é a vida onde queremos viver, e talvez a mais autêntica. Como para Calderón, para mim, a verdadeira vida é um sonho, embora se possa também dizer que nasci em Itália, em Rimini, a 15 de Junho de 1927.

— *Que família era a sua?*

— Do lado paterno, o meu avô, Joseph Pratt, nasceu em Lyon, filho de um sapateiro. Os antepassados deste haviam sido forçados a deixar a Inglaterra em 1745, por delito de catolicismo romano. Esse avô, que começara por ser desenhador de arquitetura militar, conseguiu um lugar de professor de francês no Instituto Ravà de Veneza. Era uma escola judaica, e como o meu avô não era judeu, é provável que tenha beneficiado de certas cumplicidades, talvez franco-maçónicas. O meu pai foi educado nesse instituto, sendo o meu avô ainda docente. Ele recebeu o nome de Rolando, testemunho da admiração do meu avô pela *Chanson de Roland*: o meu avô era muito afecto ao mundo literário francês. O meu pai tinha uma irmã, que se chamava Eglantine, belo nome, raro hoje em dia. Joseph Pratt faleceu em 1917, vítima da gripe espanhola. Segundo a lenda familiar, ele terá morrido saboreando um bom vinho. Os filhos eram ainda adolescentes. O meu pai não se fazia rogado em me contar a história dos Pratt. Devia exagerar, pois recuava até Guilherme, *o Conquistador*. O ramo do qual descendo, o que imigrara para França, queimara os seus títulos de nobreza na Praça da Bastilha, aquando da Revolução, e por razões de segurança teria trocado Paris por Lyon.



Veneza, 1899.
Eugenio Genero,
caçador a cavalo.

— *O seu avô Joseph Pratt permaneceu em Itália?*

— Sim, casou e, como disse, teve dois filhos. A minha avó paterna era originária de Urbino. Chamava-se Ernesta Quadrelli de' Barbanti, que é um nome medieval: *quadrelli* designa as flechas para balestras, o que significa que na origem os antepassados da minha avó fabricavam flechas para a família Barbanti. Ernesta era a segunda esposa do meu avô, permanecendo a primeira um mistério. Do lado materno, a minha genealogia é mais simples, diria mesmo que francamente romanesca. O meu avô materno, Eugenio Genero, era filho ilegítimo de um ajudante de cozinheiro e de uma jovem da família Zeno-Toledano, ourives cujos antepassados — judeus de Toledo — haviam fugido de Espanha durante a Inquisição e se tinham instalado em Veneza mediante conversão ao catolicismo. Esse filho extra-conjugal não

foi reconhecido pelos pais, e foi confiado a uma família de barbeiros, os Genero, também eles judeus marranos, isto é, mais ou menos convertidos ao catolicismo. A parte oficialmente judia da minha família vem da minha avó materna, uma Azim-Greggyo-Molho, cujos antepassados haviam deixado a Turquia cerca de 1390, para irem trabalhar nas oficinas de vidro de Murano.

— *Considera-se judeu?*

— Não. Segundo a lei judaica, que diz que a linhagem se transmite pelas mulheres, é evidente que o sou, mas essa lei assenta simplesmente no facto de ser fácil saber quem é a mãe de uma criança mesmo quando não haja certeza sobre a identidade do pai. Daí que em Veneza eu às vezes encontro por acaso um tipo que dizem ser meu meio-irmão. Encaramo-nos com simpatia, sabemos que partilhamos uma história bizarra. Ele trabalhava nos rebocadores. Digamos que a certa altura alguém da nossa família terá cometido um deslize.



Veneza, 1899.
Cesira Greggyo.

— *A sua família escondia-lhe certos factos?*

— Por vezes. Na infância, eu ignorava que o meu avô materno não era realmente um Genero. Só vim a sabê-lo muito mais tarde, graças a uma chave. Esse avô havia sido abandonado pela mãe à nascença, mas não sei porquê haviam-lhe confiado em criança uma chave que era a da casa dos seus antepassados, em Toledo, a casa de onde tiveram de fugir quando da Inquisição. Na minha infância essa chave estava exposta lá em nossa casa, e eu não entendia o motivo por que se lhe atribuía aquela importância. Era eu já adulto quando a minha mãe finalmente me explicou o seu significado. Ela não ousara falar-me antes, para não ter de me revelar que o meu avô era filho ilegítimo. O meu avô nunca foi a Toledo, e fui finalmente eu que, no *barrio* de Santa María la Blanca, o velho bairro judeu da cidade, procurei a fechadura que correspondia àquela chave. Não a encontrei, mas o mais curioso é que essa chave abria a porta da rua do prédio que eu habitava em Paris. Somos fatalmente levados a ver nisso algo de mágico: a fechadura que foi ter ao encontro da chave!

— *Como foi que os seus pais se encontraram?*

— O meu avô materno oficialmente era pedicuro — ele afirmava ter tratado os pés de Isadora Duncan, a grande bailarina americana dos pés nus — mas era também uma figura política local; fundara um ramo fascista veneziano, a «Serenissima», considerado de elite. Já na época da Primeira Guerra mundial havia jovens voluntários, envergando camisas negras, que formavam uma espécie de comandos, os «Arditi», contra os austríacos. Por reação a uma certa permissividade da sociedade, o meu avô Eugenio Genero tornou-se chefe fascista. Um dos jovens que dependiam do seu grupo, e ia vê-lo a casa, era Rolando Pratt: foi assim, penso eu, que o meu pai conheceu uma das três filhas do seu chefe, e de quem se enamorou: Eveline Genero, a minha mãe. Havia muitas mulheres na família Genero: era também pelas mulheres e para as mulheres que os homens se introduziam no clã Genero, que tinha um lado matriarcal, à maneira dos iroqueses! No círculo do meu avô evoluíam famílias amigas, os Cherubini, os Gerardi, os Ongania, os Boselli...



Veneza, 1925.
A «Serenissima»: o segundo à esquerda, em primeiro plano é Rolando Pratt. À direita da bandeira, Eugenio Genero, fundador dos fachos de combate de Veneza.





Veneza, 1912.
A família Genero.

Veneza. 1925.
Eveline Genero
e Rolando Pratt.



— *Porque nasceu em Rimini?*

— Porque os meus pais se encontravam lá a banhos, em casa da minha tia Eglantine, irmã de meu pai. Ela casara com um jockey célebre, originário de Urbino. Nasci perto da praia de Lido di Ravenna — entre Ravenna e Rimini —, num casebre, não na praia propriamente dita.

— *Não há nesse casebre uma placa que assinale o seu nascimento?*

— Ouça lá, eu não sou Garibaldi — a mulher dele, Anita, morreu bem perto desse local. Dez dias depois os meus pais regressaram comigo a Veneza. Eles viviam em casa dos meus avós Genero, em La Bragora, no distrito — o *Sestiere* — di Castello. Nessa casa com muitos aposentos moravam, além dos meus pais e dos meus avós, os meus tios e tias. Esse estilo de vida era já excepcional na época, mas em Veneza toda a gente se conhecia. Os venezianos deambulavam de manhã à noite, pelas ruelas ou de barco, na laguna. Encontravam-se em festas — como a festa do